



Associados – O senhor será um magistrado em sua sucessão?
FHC – Que nada! Vou é para os palanques, fazer campanha. Terei candidato e vou brigar por ele.

Associados – Quem é mais aceito entre os empresários? É o Ciro Gomes? É o Lula? É o José Serra? É o Tasso Jereissati?
FHC – Não sei, mas eles querem confiar em quem sentar na minha cadeira. Eles ainda não estão fulanizando essa questão. Ninguém está fulanizando a sucessão, ainda. Só nós, que moramos em Brasília.

Associados – Em 1998 o senhor disse ao Tasso que ele precisava derrotar o Ciro no Ceará, até para se viabilizar candidato. Não deu certo e o Ciro ganhou do senhor no estado dele. Isso explica a dificuldade do Tasso em subir nas pesquisas?
FHC – Acho que o Tasso ainda não se colocou como candidato, de fato. Ele não tomou a decisão de ser candidato. Não age como candidato. Agora, acho que ele apoiará o candidato do PSDB. Tasso é um cara real. Tenho muita confiança nele. Nossa relação é muito boa. Hoje ele disse para alguém, que me contou, que eu estou com “má consciência” (risos) porque não dei chances para ele. Mas é brincadeira.

Associados – O senhor disse, certa vez, que o Serra não seria ministro da Fazenda porque tinha sido contra o Real. E pode ser candidato do governo com esse passado?
FHC – (Risos) Ele ficou muito chateado comigo por causa disso. Eu não disse isso nesses termos, não. O Serra ajudou o Plano de Ação Imediata, que foi o princípio do Real. O Serra foi ministro do Planejamento, portanto da área econômica. Mas eu queria colocar no ministério da Fazenda alguém que tivesse participado, de fato, da elaboração do Real.

Associados – Mas o Serra foi contra a sobrevalorização do Real.
FHC – Todos nós fomos. Falei com o Itamar Franco para ajustar o câmbio uma semana antes da minha posse. Isso ia ser feito, mas veio a crise do México. Não dava para mexer no câmbio naquele momento. De forma que o Serra não tem divergências graves com o governo.

Associados – Presidente, por que o senhor não assume logo que o candidato do senhor é o Serra?
FHC – Há várias razões para isso. Primeiro, ainda não defini mesmo. Depois, há um programa a ser apoiado. Quando me elegi, disse que ia fazer privatizações, reforma agrária e mudanças no Estado. Estou fazendo tudo. Também é preciso deixar claro que temos uma coligação. Ainda não tem ninguém que junte todas as forças, todos os partidos, com facilidade.

Associados – Qual seria a cara do programa de seu candidato?
FHC – A minha (risos).

Associados – E essa história de eleições primárias, prévias, é séria? Isso é marketing eleitoral ou discussão política?
FHC – Não rejeito essa tese, não. Eleição primária é complicado porque precisa de leis. Mas não rejeito isso não. A idéia de fazer essas prévias é do Jorge Bornhausen, do Antonio Lavareda. Eu não rejeito.

Associados – A candidatura do Anthony Garotinho incomoda o senhor?
FHC – Não. Ele diz que eu tenho inveja dele, imagina (risos).

Associados – Mas ele não ajuda o senhor, na medida em que embola o centro entre os candidatos que estão na faixa dos 12% – Ciro, Itamar, ele mesmo...
FHC – Divide, para governar. Na prática, ele ajuda um candidato do governo.

RACIONAMENTO

“Apagão será o caos”

Leitor – Até quando teremos de conviver com o racionamento de energia elétrica? Vai durar o resto da vida?
FHC – Não vai durar o resto da vida. O racionamento ocorreu por falta de chuva e esgotamento dos reservatórios d'água.

Associados – O senhor não tinha conhecimento dos relatórios técnicos que apontavam para a escassez de energia?

FHC – Não. Havia uma preocupação com a crise de energia. Sabíamos que era um setor que precisava de investimentos. Nossa matriz energética é a hidro-eletricidade. Desde que eu era ministro do Exterior, insisti no gás. Forcei os acordos com a Bolívia com esse fim. O primeiro documento que me chegou sobre a necessidade do racionamento tem data de 12 de março deste ano. Foi feito pelo ONS e entregue à Aneel. O relatório dizia que as chuvas tinham parado e mandava esperar até 30 de abril para que tomássemos uma decisão sobre o assunto. Eu perguntei o que era aquilo – e o assunto vazou. Depois, fui à TV dizer que apagão não seria possível. Insisti no racionamento. Fizemos os cálculos de novo. Os órgãos técnicos são competentes, mas estavam amarrados num pressuposto que determinava o alerta apenas quando os reservatórios estivessem 5% abaixo da média histórica dos últimos 20 anos.

Maria das Graças Maia, 51 anos, telefonista, presidente da Associação dos Moradores de Taguatinga

Associados – O senhor acha que se tivesse ministros técnicos nessa área, e não políticos, evitaria esse desastre?

FHC – O ministro que privatizou a telefonia, e fez isso muito bem, não era técnico dessa área. Era o Sérgio Motta.

Associados – Voltando à média histórica...

FHC – É. Eles não calcularam que, esse ano, é a pior seca do século. No São Francisco, é a maior seca em 71 anos. Quando você tem água nos reservatórios, mesmo que seja um ano ruim, dá para aguentar. Mas o fato é que, ano a ano, faltava mais água. Não foi prudente calcular o alerta com 5% abaixo da média – de não ter sido 5% abaixo do pior ano de água nos reservatórios.

Associados – Dá para dizer, então, que é tecnicamente inviável esperar do governo do senhor a transposição de águas do São Francisco?
FHC – Ainda não me convenci disso. Talvez tenha que me convencer da necessidade de levar água do Rio do Sono, no Xingu, para o São Francisco. Mas a transposição, agora, não dá. Não tem água no São Francisco.

Associados – Ouvindo o senhor falar, parece que o racionamento era evitável.
FHC – Ele devia ter sido feito há três anos. Se eu tivesse sido advertido há três anos, teria feito.

Associados – O racionamento irá até quando?
FHC – Não é eterno. O apoio da população é decisivo. Tenho de ser cauteloso nisso, porque não tenho controle sobre a natureza. Se chover 80% da média histórica, não teremos problemas em 2002.

Associados – Mas certamente o racionamento se reproduz no ano que vem.
FHC – Não necessariamente.

Associados – Isso é a vontade de alguém que vai entrar numa eleição tentando vencer e o racionamento tira voto, ou é um fato?

FHC – Não estou pensando em eleição. Penso de 2003 em diante. Estamos trabalhando para o futuro.

Associados – No início do racionamento, nenhum cálculo foi feito sob a hipótese de 2002 passar sem racionamento. Não é o caso de pensar que se em 2002 não houver racionamento, ou foi uma imensa vitória do governo ou foi uma imensa demagogia?

FHC – O governo não poderia fazer demagogia com isso. Os dados do racionamento estão disponíveis. O que há é trabalho. Se tentarmos fazer algo como estratégia eleitoral, seremos desmascarados. Não se pode tapar o sol com a peneira nesta hora. Vocês vão saber e denunciar. Assim como não brinco com o câmbio, não brinco com energia.

Associados – Mas presidente, em 1998 o governo demorou demais a desvalorizar o real justamente porque o senhor estava disputando a reeleição. A desvalorização da nossa moeda, que veio em janeiro de 1999, não respeitou um calendário eleitoral de seu interesse?

FHC – Não é verdade. Absolutamente. Estávamos convencidos de que dava para sustentar o câmbio e tivemos apoio internacional para isso. Não foi um cálculo eleitoral.

Associados – Até que ponto o racionamento interfere na sucessão do senhor?
FHC – O fato político depende da maneira como você trata os fatos não-políticos. Nós temos discurso para dizer o que fizemos.

Associados – Embora o senhor ainda não controle a natureza (risos), poderia dizer que o apagão está descartado?
FHC – Eu diria que sim. Cada semana que passa, está mais descartado. O Brasil não está preparado para o apagão. Apagão é uma grande desorganização, um caos. O que foi feito agora é muito importante: organizamos a sociedade.

“CADA SEMANA QUE PASSA, O APAGÃO ESTÁ MAIS DESCARTADO. O BRASIL NÃO ESTÁ PREPARADO PARA O APAGÃO. APAGÃO É UMA GRANDE DESORGANIZAÇÃO”

A SAÍDA DE ZYLBERSTAJN

Associados – O David Zylberstajn está deixando a Agência Nacional de Petróleo?
FHC – Não agora. No ano que vem. Ele combinou comigo...

Associados – Combinou que sai?
FHC – Não agora. E não combinamos isso por causa da Bia. Ele não deu detalhes. Demonstrou vontade de sair, de fazer outras coisas. Não tem data precisa – isso é coisa para o ano que vem.

LEIA MAIS SOBRE ZYLBERSTAJN NA PÁGINA 14



GLOSSÁRIO

1 REVISÃO CONSTITUCIONAL DE 1993

Por maioria simples, deputados e senadores podiam emendar e remendar a Constituição de 1988. Só três projetos foram aprovados: redução do mandato presidencial para 4 anos sem reeleição, Fundo Social de Emergência e possibilidade de um brasileiro ter dupla cidadania.

2 IPPON

Golpe do judô que liquida uma luta quando um dos judocas imobiliza o oponente.

3 “VOZ ROUCA DAS RUAS”

Expressão que Fernando Henrique Cardoso teria criado, num discurso para correligionários, em 1995. Ele jura que não usou a expressão, assim como jura que jamais pediu para se esquecesse o que escreveu.

4 JORGE BORNHAUSEN

Senador pelo PFL de Santa Catarina. Presidente do partido.

5 ANTONIO LAVAREDA

Cientista político, dono da empresa de consultoria e pesquisa MCI. Lavareda é um dos principais conselheiros políticos do presidente da República. Ele convenceu Bornhausen na oportunidade dessas prévias. É, também, o principal consultor político dos governadores Tasso Jereissati (CE) e Jarbas Vasconcellos (PE).

6 ONS

Operador Nacional do Sistema, órgão responsável por administrar a geração e distribuição de energia elétrica em todo o país.

7 ANEEL

Agência Nacional de Energia Elétrica, órgão regulador das políticas públicas na área de geração, distribuição e comercialização de energia.

8 BEATRIZ CARDOSO

Filha do presidente Fernando Henrique, era casada com David Zylberstajn até há dois meses. Agora, Zylberstajn namora com a executiva Maria Sílvia Bastos Marques, da Companhia Siderúrgica Nacional.

9 DESVALORIZAÇÃO DO REAL

Em 13 de janeiro de 1999, logo que Fernando Henrique assumiu o segundo mandato, o governo pôs fim ao câmbio fixo. Pelo sistema antigo, era o Banco Central que anunciava, a intervalos de três ou cinco dias, o valor da moeda brasileira em relação à moeda americana. Imediatamente, um dólar passou de R\$ 1,23 para R\$ 2,15. Depois de um mês, o câmbio se acomodou no patamar de R\$ 1,55, sendo desvalorizado aos poucos de acordo com a lei de oferta e procura de moeda do mercado financeiro.